

# ESTUDOS SOBRE A AQUISIÇÃO DA COMPETÊNCIA DERIVACIONAL EM PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA



DOI: 10.56515/PLJ562476679

Rui Pereira<sup>1</sup>

Universidade de Coimbra | CELGA-ILTEC

**Resumo:** A formação de palavras é uma área da aquisição do português como língua não materna (PLNM) que tem merecido pouca atenção por parte dos investigadores, tanto no plano teórico como empírico. Neste artigo, faz-se o estado da arte da investigação sobre a competência derivacional evidenciada por aprendentes de PLNM. Com base na análise dos estudos coligidos, apresentam-se as linhas de investigação que têm sido seguidas, bem como os tipos de *corpora*, informantes e metodologias de análise usados nos estudos de natureza empírica já realizados. Por fim, identificam-se áreas fracas e apresentam-se algumas linhas orientadoras para o desenvolvimento de investigações futuras.

**Palavras-chave:** formação de palavras; morfologia; léxico; PLNM.

**Abstract:** Word-formation is an area of the acquisition of Portuguese by speakers of other languages (PLNM) that has received little attention from researchers, both theoretically and empirically. This paper presents a state-of-the-art of the available empirical studies on the acquisition of derivational competence by PLNM learners. Building on the analysis of those studies, the paper presents the research lines that have been followed, as well as the types of *corpora*, informants and analysis methodologies used so far. Finally, the paper identifies the weak areas in those studies and presents some guidelines for the development of future research.

**Keywords:** Word-formation; morphology; lexicon; PLNM.

## 1. Introdução

A reflexão em torno da morfologia derivacional no contexto da aquisição do português como língua não materna (PLNM) não tem tido a mesma atenção que outros domínios linguísticos, nomeadamente os relacionados com a aquisição do conhecimento fonológico, da flexão nominal e verbal ou de propriedades sintáticas e discursivas.<sup>2</sup> Por exemplo, no capítulo dedicado à “[a]quisição de língua não materna” (Madeira, 2017), inscrito no volume organizado por Freitas e Santos (2017) sobre a temática da aquisição linguística, não se encontram dados relativos ao domínio da formação de palavras, seja quando se ilustram os

---

<sup>1</sup> Professor Auxiliar do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), é doutorado em Línguas e Literaturas Modernas, na especialidade de Linguística Portuguesa. Entre 2016 e 2018, fez parte do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa, do Instituto Politécnico de Macau, tendo realizado várias ações de formação de professores de língua portuguesa em universidades chinesas e produzido diversos materiais de apoio ao ensino de Português na China. Exerce, desde 2018, o cargo de Diretor dos Cursos de Português Língua Estrangeira da FLUC. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-3058-0205>

<sup>2</sup> A aquisição da competência morfológica do português por falantes nativos também tem sido pouco estudada, destacando-se neste domínio os estudos de Albuquerque, Bezerra e Ferrari Neto (2012), Gomes e Barbosa (2014), Oliveira, A. C. (2011), Vigário e Garcia (2012).

efeitos de influência da língua materna (LM ou L1) nos diferentes componentes da gramática, seja quando se analisa o modo como os falantes não nativos desenvolvem conhecimento de propriedades pertencentes a diferentes domínios gramaticais.

Existirão várias explicações para a pouca atratividade da investigação sobre a formação de palavras em língua não materna (L2)<sup>3</sup>: em primeiro lugar, o facto de não ser um domínio da atividade linguística em que os aprendentes produzam um grande número de erros/desvios; em segundo lugar, o carácter menos regular da formação de palavras se comparada com a flexão. De facto, no domínio morfológico, a regularidade formal e semântica tende a ser vista como uma característica prototípica da flexão; a derivação, caracterizada por relações de muitos-para-muitos, é mais variável e escalar em termos de (ir)regularidade semântica e morfofonológica (Plag & Balling, 2020; Rio-Torto, 2002). Na maior parte dos paradigmas derivacionais, encontramos palavras que instanciam esquemas formativos diversos (afixais e não afixais) com diferente representatividade e produtividade na língua portuguesa (Rio-Torto, 1998; Rodrigues, 2016a). Por exemplo, em português, a partir do adjetivo *claro/claro*, podemos formar diferentes verbos (e.g. *aclarar, clarear, clarificar, esclarecer*) com distintos valores semântico-pragmáticos.

A formação de palavras é apenas um dos aspetos associados ao desenvolvimento do léxico bilingue. Existem vários estudos que, refletindo sobre a aquisição e o desenvolvimento da competência lexical em PLNM, não fazem qualquer referência ao domínio da formação de palavras (Alonso Rey, 2015; Dias, 2014, 2020; Leiria, 1998; Oliveira, C. M. P, 2011, Pereira Bendiha, 2001; Yang, 2014). Nestes textos, analisam-se questões diversas, como o uso de estratégias de transferência/interferência por aprendentes de L2, o papel dos cognatos na aprendizagem, as dificuldades diagnosticadas nos planos lexical, flexional e sintático, ou as estratégias usadas pelos aprendentes quando está em causa a aprendizagem do léxico.

A literatura existente e as experiências já realizadas sobre o processamento lexical mostram, por um lado, que se trata de uma realidade complexa e, por outro, que não assenta unicamente, e de forma generalizada, no acesso de palavras inteiras. Existe um consenso crescente de que diversos tipos de informação são ativados durante o processamento lexical, incidindo tanto em palavras inteiras (via holística) quanto nas estruturas morfológicas de tais palavras e nos padrões de construção mentais que lhes estão subjacentes (via decomposicional).

A lista de processos/esquemas formativos e de relações morfo-semântico-categoriais que ocorrem na construção de lexemas é longa e apresenta muitos desafios para o investigador, tanto teóricos quanto empíricos (cf. Rio-Torto *et al.*, 2016). No português atual, podemos encontrar não apenas estruturas morfológicas que manifestam padrões construcionais ativos na sincronia atual (e.g. *postar* ‘publicar um comentário na internet’; *tuktukista* ‘motorista de tuktuk’; *covidário* ‘local destinado ao atendimento e ao tratamento de doentes infetados por COVID-19’), como relíquias diacrónicas que não se submetem facilmente a uma análise morfémica (e.g. *preferir, conceber, produzir*). Efetivamente, nem sempre as palavras morfológicamente complexas são formal e/ou semanticamente transparentes, ou seja, nem sempre o significante e/ou o significado dos seus constituintes internos é/são apreendido(s) de modo discreto (cf. *tanoeiro* ‘pessoa que faz ou conserva pipas ou tonéis’; *vinagre* ‘vinho azedo, ácido ou desagradável’).

Acresce ainda o facto de os padrões/esquemas construcionais usados na língua-alvo (LA) da aquisição/aprendizagem (por exemplo, o português) não serem isomórficos dos que operam nas línguas-fonte (LF), sejam elas a língua materna (LM) ou uma segunda língua (L2) previamente adquirida pelo aprendente de PLNM. Uma deficiente perceção das divergências entre a LA e a LF no que aos esquemas de construção de palavras diz respeito está na base de muitos desvios lexicais produzidos por esses aprendentes. Por conseguinte, a formação de

---

<sup>3</sup> Ao longo deste artigo usaremos L2 para designar uma língua não materna, independentemente de ser apreendida como língua estrangeira, língua segunda ou língua adicional.

palavras não está a salvo de fenómenos de transferência ou influência translinguística, entendidos como um mecanismo, de entre os disponíveis para a construção das *interlínguas* (Selinker, 1972), a que os aprendentes de L2 recorrerão<sup>4</sup>. Na aquisição de línguas próximas, como o português e o italiano, a transferência (positiva ou negativa) tem geralmente como fonte a língua materna do aprendente (e.g. “paragone” em vez de *comparação*; “encantesimo” por *encantamento*; “personalmente” por *pessoalmente*). Todavia, quando estão em jogo línguas tipologicamente mais distantes, como o português e o chinês, os aprendentes podem recorrer a uma segunda língua adquirida antes do português (o inglês, por exemplo) para suprir lacunas do seu léxico da LA (e.g. “surf” por *navegar na internet*; “room-mate” em vez de *colega de quarto*) (Pereira, no prelo).

## 2. Estado da arte

O estudo sobre a morfologia derivacional no contexto do ensino/aprendizagem de português como língua não materna é recente na reflexão linguística, sendo as investigações e trabalhos realizados muito díspares em termos epistemológicos. Dividem-se, globalmente, em três grupos:

### (1) *Estudos de natureza contrastiva*

Nas primeiras décadas deste século, acompanhando o aumento exponencial do ensino do português na China, começaram a ser realizados vários estudos em que se faz a comparação entre o português e o chinês no domínio morfológico (Jin, 2018; Wenwen, 2011; Xinjuan, 2007). Embora tendo uma finalidade pedagógica – o auxílio à aprendizagem do português por aprendentes chineses –, estes estudos tornam explícitas as correlações que se estabelecem entre os processos lexicogenéticos e os constituintes morfológicos, sobretudo afixais, das duas línguas. Tanto quanto é do nosso conhecimento, faltam estudos que ponham em contraste o português e outras línguas quanto à morfologia derivacional.<sup>5</sup>

### (2) *Estudos de natureza teórico-instrucional*

Existe um conjunto de trabalhos, a maioria saída nos últimos anos, que, após fazerem o enquadramento teórico da formação de palavras em L2, apresentam um conjunto de materiais instrucionais que, na perspetiva dos autores, ajudarão os aprendentes a desenvolver tanto a sua capacidade de interpretação como a capacidade de produção em português como língua estrangeira (LE) / língua segunda (L2) (Mendes, 1998; Pereira, 2019a, 2019b, 2021; Qin, 2021). Entre estes, destacamos a 2.<sup>a</sup> edição do “Vocabulário do Português para alunos chineses” (Pereira, 2021), cujo *e-book* e ficheiros áudio se encontram em acesso aberto na página da *internet* do CPCLP - Universidade Politécnica de Macau (<https://cpclp.ipm.edu.mo/vocabulario/>). Com base nas designações e alguns dos quadros de exemplos propostos por Rio-Torto *et al.* na *Gramática Derivacional do Português*, reeditada em 2016 pela Imprensa da Universidade de Coimbra, o autor elaborou 50 fichas de trabalho versando sobre os diversos paradigmas de formação de palavras operantes em português. Embora o público visado seja a comunidade de aprendentes de língua materna chinesa, trata-se de materiais que podem ser usados no ensino/aprendizagem de PLNМ noutros contextos linguísticos.

---

<sup>4</sup> A transferência é um dos fenómenos mais estudados na aquisição de L2, mas também um dos mais complexos, tanto no que diz respeito à própria definição do fenómeno como ao seu funcionamento, limites e condições (cf. Alonso Rey, 2013, 2015; Grosjean, 2011; Jarvis, 2000, 2009; Odlin, 2003; Van Coetsem, 1988, 2000; Winford, 2005).

<sup>5</sup> Um bom exemplo do que pode ser feito neste domínio, embora aplicado a diferentes variantes do português, é a análise realizada por Mendes *et al.* (2016) sobre a sufixação nominal.

Note-se, porém, que estas propostas didáticas assentam no pressuposto, ainda não suficientemente comprovado, de que a aprendizagem orientada da morfologia derivacional é mais eficaz do que a sua aquisição de forma não orientada.

(3) *Estudos sobre a morfologia derivacional em PLNLM com uma base empírica*

O estudo da morfologia derivacional no contexto da aquisição do português como língua não materna ganhou interesse no início deste século, sobretudo após a investigação realizada por Leiria (2006). Embora o foco principal desta autora não fosse especificamente a formação de palavras, mas a aquisição do léxico em geral, o tema emerge ao longo da investigação, sobretudo quando se aborda a questão dos desvios lexicais. Os anos que se seguiram foram anos de alguma efervescência investigativa, resultando em diversas dissertações de mestrado (Jesus, 2010; Martins, 2008; Taveira, 2014; Żaczek, 2012) e alguns artigos científicos (Akerberg, 2013; Estrela & Antunes, 2017; Nunes, 2012; Pereira, no prelo; Pinto, 2012, 2013). Trata-se de estudos muito diferentes em termos dos objetivos visados, das características dos informantes, dos *corpora* de análise e das metodologias de recolha e tratamento de dados. Na secção que se segue, apresentam-se sumariamente os aspetos mais relevantes destes estudos.

### 3. Estudos sobre a competência derivacional dos aprendentes de PLNLM

Como acima referimos, foi o estudo de Leiria (2006) que espoletou, em grande medida, o interesse pela formação de palavras em PLNLM, ainda que o foco da sua atenção fosse a aquisição e a construção do léxico mental, entendida como “uma actividade complexa, já que cada palavra tem uma série de propriedades que demoram tempo e esforço até estarem devidamente estabelecidas” (p. 14). Um dos contributos mais relevantes deste estudo foi a apresentação de uma tipologia de desvios produzidos pelos aprendentes de PLNLM. Para além dos “desvios formais em vocábulos disponíveis” (incluindo nesta categoria, entre outros, erros de ortografia e acentuação, de flexão e de atribuição do género), dos “desvios na seleção do léxico”, dos “desvios sintáticos, morfossintáticos e outros”, a autora distingue quatro tipos de desvios resultantes de estratégias compensatórias usadas pelos aprendentes na produção lexical escrita:

- a. *empréstimos* – unidades lexicais que têm subjacente uma estratégia de substituição, na medida em que se trata de palavras da LF (a língua materna ou uma L2) que o aprendente usa nos textos da LA quando fala ou escreve. Por exemplo, nos textos escritos por informantes espanhóis, ocorrem, entre outras, palavras como *camarero*, *compartir* ou *seguridad*, oriundas da LM dos aprendentes.
- b. *neologismos a partir de empréstimos* (ou *relexificações*) – palavras que correspondem a empréstimos da língua materna ou de uma L2 previamente adquirida formalmente modificados (na sua representação fonológica e/ou grafemática) de modo a ficarem de acordo com aquilo que o aprendente considera ser próprio da língua-alvo (e.g. *ciudade* por ‘cidade’; *suportadores* por ‘apoadores’; *governmento* por ‘governo’).
- c. *neologismos formais* – unidades lexicais com formas desviantes ainda que construídas com materiais próprios da língua-alvo (e.g. *maiorar*, *respostar*, *traduçar*).
- d. *combinatórias aproximadas* – ocorrências não coincidentes com sequências de palavras que apresentam algum grau de fixidez e de idiomaticidade na língua-alvo, como fórmulas, estruturadores textuais e colocações (e.g. *loja de ecologia* por ‘loja de produtos dietéticos’, *anjo de protecção* por ‘anjo da guarda’).

Ainda que esse não fosse o foco da sua investigação e o domínio da morfologia derivacional apenas pontualmente seja afluído, a autora retira algumas conclusões relativamente à construção de lexemas em PLNLM, a saber:

(i) A influência da LM na aplicação dos processos de formação de palavras da LA é marginal, tal como já havia sido apurado por Olshtain (1987: 231).

(ii) Quanto mais afastadas tipologicamente são as línguas em contacto, mais os aprendentes descobrem a impossibilidade de recorrer a empréstimos da sua LM; em alternativa, recorrem a empréstimos de uma ou mais L2 previamente adquiridas, sobretudo daquelas que o falante julga partilharem unidades morfolexicais com a língua-alvo, o português. Esta conclusão tem vindo a ser confirmada em estudos recentemente realizados com base em produções escritas de aprendentes chineses e italianos de PLNM. Enquanto os aprendentes chineses recorrem a empréstimos do inglês, os italianos tomam geralmente a sua língua materna como língua-fonte dos empréstimos (Pereira, 2022; Pereira, no prelo).

(iii) Quando o aprendente está consciente da distância relativa entre a sua língua materna e o português, prefere produzir neologismos a partir de empréstimos (da LM ou de outra L2) e neologismos formais.

(iv) O facto de os aprendentes usarem palavras morfologicamente complexas não significa necessariamente que eles tenham interiorizado determinados esquemas construcionais. Em muitos casos, eles poderão estar simplesmente a transpor para a interlíngua uma forma correspondente da LM ou de outra língua que conheçam. Todavia, a ocorrência de construções lexicais desviantes, nomeadamente verbos da primeira conjugação (e.g. *escolbar*, *proibitar*, *respostar*, *traduçar*, *vivar*), mostra que certos padrões de formação de palavras são adquiridos.

(v) Na aquisição de L2, devemos distinguir entre o que é parametrizado, podendo ser adquirido – os padrões formativos ou esquemas de construção de palavras, por exemplo –, e aquilo que é idiossincrático e imprevisível, escapando à competência linguística do não nativo até mesmo quando este conseguiu chegar a um domínio bastante profundo da LA.<sup>6</sup>

Não obstante tratar-se de um marco importante na investigação sobre o processo de aquisição em PLNM, este estudo centra-se quase exclusivamente na deteção e análise dos erros cometidos pelos aprendentes. Ora, a ausência de erro não significa necessariamente que o falante tenha uma competência nativa ou próxima disso. Por vezes, os aprendentes recorrem à estratégia de evitação para não cometerem erros, isto é, substituem certas unidades ou construções da LA sobre as quais sentem dúvidas por outras com as quais se sentem mais confiantes (Brown, 2000). Por conseguinte, para se ter um quadro completo do desenvolvimento linguístico do aprendente, devemos ter em consideração não apenas os desvios/erros, mas também as construções lexicais corretamente produzidas. Não negamos que algumas construções neológicas, nomeadamente as classificadas como “neologismos a partir de empréstimos” e “neologismos formais”, fornecem informações importantes sobre a competência derivacional dos aprendentes, por nelas se encontrarem soluções construcionais não coincidentes com as usadas e/ou institucionalizadas na língua portuguesa (e.g. *interpretora* e *embarar* por *intérprete* e *partir*, respetivamente). Trata-se, todavia, de uma ínfima parte da produção lexical dos aprendentes. Na análise da competência derivacional do aprendente de PLNM, é necessário considerar a totalidade da produção lexical do aprendente, incluindo construções desviantes e não desviantes. Só assim será possível apurar quais são as unidades morfológicas e lexicais que este efetivamente conhece ou com que teve contacto, os esquemas construcionais instanciados, com que frequência são utilizados e os semantismos que lhes são associados.

Na senda de Leiria (2006), vários estudos foram realizados nos anos que se seguiram, embora não com a mesma extensão e nem sempre com o mesmo rigor metodológico e/ou profundidade de análise.

---

<sup>6</sup> A autora toma esta distinção de Baralo (1997, p. 69).

Jorge Pinto, em dois artigos publicados em 2012 e 2013, apresenta os resultados de um estudo<sup>7</sup> realizado com base nas produções escritas de 31 alunos (níveis A2 a C1) da licenciatura em Estudos Portugueses da Faculdade de Letras e de Ciências Humanas da Universidade Mohammed V – Agdal, em Rabat (Marrocos), que tinham o árabe como língua materna. Este estudo fornece informações interessantes sobre a construção lexical por parte de aprendentes de português L3/Ln, isto é, indivíduos que, quando iniciam a aprendizagem de português, já conhecem uma ou mais línguas estrangeiras, mais precisamente o francês e/ou o espanhol. Por conseguinte, estes aprendentes já possuem um diferente tipo de consciência linguística e algumas estratégias que os ajudam a construir o seu conhecimento da nova língua-alvo. Entre as conclusões apuradas, destacamos as seguintes: (i) os informantes demonstraram ter consciência da distância tipológica que existe entre o árabe e o português, reduzindo, por isso, à nulidade as transferências da LM para a LA; (ii) o facto de os informantes terem um conhecimento prévio de outras línguas estrangeiras dá azo à transferência de informação lexical dessas línguas, concretizada na produção de formas híbridas – designação alternativa a “neologismos a partir de empréstimos” ou “relexificações” – construídas a partir do léxico do francês (e.g. *peintura* por ‘pintura’, *cousina* por ‘cozinha’, *prononçar* por ‘pronunciar’) e do espanhol (e.g. *dineiros* por ‘dinheiro’, *extranjeiro* por ‘estrangeiro’, *seguridade* por ‘segurança’).

Żaczek (2012) parte de um *corpus* diferente e de informantes com uma diferente língua materna, o polaco. O estudo realizado por esta autora assenta num *corpus* muito diversificado, que inclui (i) resultados da investigação dos professores da Universidade de Maria Curie Skłodowska, (ii) provas escritas dos estudantes de Filologia Ibérica que estudam, ao mesmo tempo, espanhol e português como L2, (iii) exemplos dos erros encontrados nas provas do curso de “Ensino Prático de Português” e do curso de Lexicologia Portuguesa realizadas no ano académico 2009/2010, e ainda (iv) dados elicitados a 10 informantes, incidindo na construção de palavras a partir de exemplos-modelo. Esta autora reporta produções lexicais divergentes do português seja por interferência da LM (*eléctrico* por ‘electricista’ ~ pol. *elektryk*; *alquímico* por ‘alquimista’ ~ pol. *alchemik*), seja por influência do espanhol (e.g. *calentar* por ‘aquecer’; *pescaderia* por ‘pescaria’; *perigroso* por ‘perigoso’). Noutros casos, parece ser a grande variedade de sufixos em português a dificultar a formação de palavras nesta LA (e.g. *cuidação*, *supersticioso*, *nuvosos*, em vez de *cuidado*, *supersticioso* e *nublado*). Este facto é confirmado, segundo a autora, pelos resultados do exercício de eliciação a partir de exemplos-modelo (Quadro 1).

Modelo	Base	Palavra produzida
<i>café – cafeteira</i>	<i>chá</i>	<i>cbateria, cbateira</i>
<i>tradição – tradicional</i>	<i>lenda</i>	<i>legendal</i>
<i>censura – censurar</i>	<i>lisonja</i>	<i>lisonjar</i>

**Quadro 1:** Palavras elicitadas por aprendentes polacos de PLNM

Note-se, porém, que o desenho do exercício tem interferência direta nos resultados alcançados. Os exemplos-modelo induzem claramente os aprendentes com um domínio pouco consistente do acervo lexical do português a formar palavras com um esquema construcional semelhante. Daí que os aprendentes repliquem os constituintes afixais nas suas próprias construções. Não se pode concluir, portanto, que na produção de um texto oral ou escrito usem estes mesmos esquemas de formação de palavras.

Taveira (2014) procura replicar o estudo de Leiria (2006) em aprendentes de português que têm o inglês como LM, tendo a virtude de distinguir a produção linguística de diferentes tipos de aprendentes, de acordo com o estatuto da língua portuguesa no processo de aquisição: como língua de herança (PLH), língua segunda (PL2) ou língua estrangeira (PLE). A

<sup>7</sup> Na realidade, estamos perante um só estudo, cujos resultados foram publicados em duas revistas, usando duas línguas diferentes: primeiro em português (Pinto, 2012), depois em inglês (Pinto, 2013).

investigação realizada incidu nas produções escritas de 60 alunos dos níveis A2 e B1 que frequentavam diferentes instituições de ensino em Portugal e no estrangeiro<sup>8</sup>, mas que partilhavam a mesma língua materna, o inglês.

Com o foco colocado na identificação das transferências (lexicais, sintáticas e morfossintáticas) efetuadas por indivíduos anglófonos que aprendiam português, a autora faz a apresentação e classificação dos erros (interlinguísticos e intralinguísticos) produzidos pelos aprendentes. Embora várias palavras derivadas apareçam nos quadros de exemplos e o caráter desviante de algumas construções diga respeito à morfologia derivacional, mormente em desvios resultantes de estratégias usadas para suprir o “vocabulário indisponível”, o uso de processos de formação de palavras e de esquemas construcionais nunca é analisado. Ainda assim, os dados apresentados permitem-nos fazer algumas observações interessantes. No âmbito do que designa por “vocabulário indisponível”, distingue entre desvios interlinguísticos – empréstimos ou neologismos formados a partir de empréstimos – e desvios intralinguísticos. Se, tanto no nível A2 como no nível B1, os empréstimos incidem geralmente sobre palavras simples (e.g. *tennis, yoga, stand, photo, , cello, etc.; smoke, carpet, telephone*), os neologismos a partir de empréstimos incluem tanto palavras simples (e.g. *stórias, accepta*) como palavras derivadas morfologicamente mais complexas (e.g. *talentada* por ‘talentosa’; *atentivamente* por ‘atentamente’)<sup>9</sup>. Enquanto os informantes de PLH e de PL2 recorrem ao conhecimento da LM, os informantes de PLE recorrem sobretudo ao espanhol para fazerem face à indisponibilidade do léxico em português, sendo que só 16,4% das transferências têm como origem o inglês. A propósito dos desvios intralinguísticos apenas ficamos a saber que são mais escassos do que os interlinguísticos em todos os contextos de aquisição (PLH, PL2 e PLE), não sendo apresentados dados quantitativos que o comprovem.

Entre as conclusões apresentadas, destacamos duas que se aplicam ao domínio da morfologia derivacional. Por um lado, confirma-se a ideia de que os aprendentes multilingues transferem conhecimento maioritariamente do idioma tipologicamente mais próximo da LA e não da LM. Por outro, conclui-se que a proximidade tipológica entre as línguas é também promotora de desvios.

Há apenas um estudo, tanto quanto sabemos, dedicado à interlíngua de imigrantes. Martins (2008) tomou como informantes dez imigrantes chineses residentes em Águeda que trabalhavam nas áreas do comércio e da restauração. A partir das gravações de 46 aulas de um curso livre de PLNM realizado em 2005-2006 em regime pós-laboral (3 horas semanais) e dos textos escritos (fichas de trabalho e composições) por esses alunos, a autora descreve os desvios destes indivíduos, que não dominavam, aquando da realização do estudo, qualquer outra língua nem nunca tinham tido contacto com a aprendizagem formal do português. Esta autora distingue os desvios por áreas: (i) desvios do léxico e semântica, relacionados especialmente com a forma e o significado; e (ii) desvios sintáticos, morfossintáticos e outros, onde inclui os desvios relativos à morfologia flexional, à presença excessiva/omissão de elementos na frase e à inversão da ordem das palavras. Embora haja referência a “desvios do léxico”, “neologismos” (e.g. *cadelo* por <cão>) e “analogia”, não é apresentada qualquer definição destes conceitos, sendo o interesse inteiramente dedicado à forma desviante e não à estrutura interna das palavras ou aos processos derivacionais usados na sua construção.

Embora apresentem dados relevantes para o estudo da morfologia derivacional no contexto específico da aquisição de PLNM, o foco dos estudos que acabámos de elencar é outro: a partir dos desvios cometidos pelos aprendentes, procura-se apurar as estratégias por

---

<sup>8</sup> O grupo de informantes é constituído por (i) 20 alunos de escolas do ensino básico e do ensino secundário de Londres que frequentam um curso de português do Camões, I.P; (ii) 20 estudantes universitários da Universidade de Princeton (E.U.A.) e do King’s College (Inglaterra); (iii) 10 estudantes da Escola Internacional do Algarve, em Lagoa; e (iv) 10 adultos de várias regiões do país que aprendiam português na modalidade *online* no momento da recolha dos dados.

<sup>9</sup> Segundo a autora, trata-se de palavras construídas a partir dos termos *talented, to calm* e *attentively*, respetivamente.

estes utilizadas para suprir dificuldades de acesso lexical numa situação concreta de uso do português.

Paralelamente, ao longo dos últimos anos, foram sendo efetuadas algumas investigações diretamente focadas no estudo da competência derivacional dos aprendentes de PLN, embora quase sempre parciais quanto ao objeto de estudo (um grupo específico de prefixos ou de sufixos) ou quanto à língua materna dos informantes.

Dália Jesus (2010), na sua tese de mestrado, analisa a competência derivacional de 62 alunos estrangeiros de nível B1/B2 que frequentavam o curso de Língua Portuguesa Erasmus ou o Curso Anual de Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O enfoque é colocado nos nomes abstratos deadjetivais que envolvem o uso dos sufixos *-idade*, *-ismo*, *-ez*, *-eza*, e *-(i)dão*. Das conclusões apuradas a partir da análise de dados elicitados, salientam-se as seguintes: (i) a transparência lexical e/ou semântica é facilitadora nas tarefas de produção e/ou decomposição, sendo o grau de acerto tanto maior quanto maior for a extensão da sobreposição fonológica e/ou semântica entre bases e derivados; (ii) a frequência alta dos derivados e das bases influencia positivamente o desempenho dos aprendentes nas diferentes tarefas, nomeadamente no caso de palavras não cognatas; (iii) do conjunto de sufixos selecionados, o sufixo *-idade* é o que se apresenta mais disponível no repertório linguístico dos alunos, sendo este, portanto, o que surge como preferencial na construção de nomes de propriedade.

Susana Nunes (2012), por sua vez, focaliza o seu estudo na prefixação, mais precisamente nos prefixos *in-*, *des-*, *inter-*, *pre-* e *sub-* / *co-*/*con-*, *super-*, *auto-*, *entre-*, *sobre-*, *contra-*, *re-*. Com base em dados elicitados de 44 alunos chineses do curso de licenciatura de Tradução e Interpretação Português/Chinês e Chinês/Português a estudar no Instituto Politécnico de Leiria, conclui que estes aprendentes, embora apresentem, na generalidade, uma grande facilidade em reconhecer morfemas prefixais, revelam alguma dificuldade tanto no acesso à sua significação como na sua utilização em enunciados concretos. Não é apresentada, no entanto, qualquer explicação ou interpretação dos dados, o que muito enriqueceria este estudo.

Os resultados apurados neste estudo indiciam também que o uso do dicionário, embora facilite a segmentação e interpretação das palavras prefixadas, constitui uma estratégia obstrutora a um conhecimento morfológico mais enraizado, já que desvia a atenção do aprendente dos contextos de uso, tanto ao nível sintático como semântico-pragmático.

Akerberg (2013) estudou as produções elicitadas de 77 aprendentes de PLN de nível intermédio e avançado que tinham o espanhol como língua materna. O exercício, que consistia em formar nomes com base em vinte verbos e dez adjetivos, resultou na constituição de um *corpus* de nomes de evento deverbais e de nomes de qualidade deadjetivais. Segundo o estudo, estes aprendentes manifestam uma tendência para estabelecer relações de equivalência entre os elementos da L1 e da L2 e para ignorar as pequenas diferenças. A análise dos dados leva a autora a distinguir os fatores facilitadores dos que parecem dificultar a aquisição dos mecanismos de formação de palavras em PLN. Como fatores facilitadores aponta (i) a transferência positiva da L1, em virtude de o espanhol e o português utilizarem mecanismos formativos muito parecidos; (ii) a saliência do sufixo (por exemplo, a presença da letra <ç> em *-nça: mudança*); (iii) a diferente configuração do lexema-base em português. Entre os fatores que dificultam a aquisição, inclui (i) o uso de mecanismos de nominalização diferentes (*apto > aptidão; protestar > protesto*); (ii) a existência de formações “peculiares” (não regulares) em português (*cair > queda; agir > ação*); (iii) a fraca frequência de sufixos não salientes (*doido > doidice; velho > velhice*); (iv) a existência de formações e esquemas construcionais em competição no seio do mesmo paradigma derivacional (“existência de variantes no dicionário”, nas palavras da autora) (*conversar > conversa, conversação; feio > feiura, fealdade; ensinar > ensino, ensinamento, instrução*).

O facto de a análise incidir em dados elicitados talvez ajude a explicar algumas das conclusões apresentadas, nomeadamente o efeito facilitador da saliência do sufixo e da



diferente configuração do lexema-base em português. A análise de textos escritos por falantes de outra língua tipologicamente próxima do português, o italiano, revelou que estes dois fatores estão associados à ocorrência de desvios lexicais (e.g. *artigianais* por ‘artesanais’; *experiência* em vez de ‘experiência’; *incredível* por ‘incrível’) (Pereira, 2022).

Estrela e Antunes (2017) analisam as produções escritas dos aprendentes de português L2/LE com base no COPLE2<sup>10</sup>. A partir da análise dos dados relativos à produção de nomes formados por sufixação por parte de 160 informantes com diferentes línguas maternas – inglês (65), espanhol (52), francês (23) e italiano (20) –, é efetuada uma análise contrastiva interlíngua (ver Granger, 1996) focada no conjunto de nomes que apresentam sufixos diferentes daqueles que ocorrem em Português Europeu. Para o tratamento dos dados e a sistematização dos desvios encontrados nas produções dos informantes, as autoras servem-se da seguinte tipologia de erros: (i) erro no processo de sufixação; (ii) erro no sufixo por transferência de L1; (iii) erro no radical por transferência de L1; (iv) erro por transferência de Ln (língua(s) diferentes de L1 previamente adquiridas pelo informante); (v) erro na seleção da vogal temática; (vi) erro na seleção da base; (vii) erro por hipercorreção; (viii) erro ortográfico no sufixo.

Para além de descreverem os erros encontrados e apontarem algumas explicações para essas ocorrências, as autoras apresentam uma visão geral tanto dos erros que são influenciados pela L1 dos informantes como dos que são produzidos pelos aprendentes em geral, independentemente da sua L1. Entre as conclusões apontadas, salientam-se as seguintes: (i) os cinco sufixos mais problemáticos, por serem erradamente produzidos pelos aprendentes, sobretudo no domínio da ortografia e da acentuação gráfica, são, por ordem decrescente de ocorrências, *-ção* (34), *-mento* (13), *-idade* (9), *-ência* (7)<sup>11</sup> e *-eza* (6), a que se junta a dificuldade no uso do processo de conversão (8 ocorrências); (ii) o espanhol, o italiano e o francês, por serem línguas românicas, e, por isso, mais parecidas com o português, estão associados à ocorrência de mais erros por transferência de L1; (iii) os aprendentes que têm o inglês como L1 são os únicos a apresentar problemas na seleção da base sobre a qual vai ser aplicado o sufixo. Refira-se, no entanto, que ocorrências como *aprentissagem*, *defensa*, *descripção*, *povreza*, registadas pelas autoras em informantes de língua francesa, contrariam esta conclusão.

Merece ainda destaque a investigação levada a cabo por Pereira (no prelo). Neste estudo, analisa-se o uso de palavras morfologicamente construídas por parte de 38 aprendentes de português que têm o mandarim ou o cantonês como língua materna. A base empírica deste estudo é constituída por 45 textos (8440 palavras) extraídos do “Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2/CELGA)” (Martins *et al.*, 2019). Após o inventário e quantificação dos padrões de construção de palavras usados pelos aprendentes, analisam-se os fatores que estão subjacentes aos desvios construcionais verificados. A análise dos dados permitiu retirar as seguintes conclusões: (i) é diminuto número de desvios morfolexicais atestados (0,005% das ocorrências; 0,048% se tomarmos em consideração apenas as palavras morfologicamente construídas), não obstante o mandarim/cantonês e o português serem idiomas tipologicamente muito diferentes; (ii) o conhecimento pouco profundo dos padrões de construção de palavras em português leva os aprendentes chineses, em vários casos, a transpor para o português palavras e/ou esquemas de construção de palavras do inglês (e.g. *surf*, *room-mate*) e não da sua língua materna; (iii) o uso de algumas formas não coincidentes com as palavras institucionalizadas em português (e.g. *inspectando*, *enterramento*, *transportação*) revela que alguns aprendentes, para além de usarem palavras

<sup>10</sup> O *Corpus de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda* – COPLE2 é um projeto provido pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estando disponível em [http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/learnercorpus/index.php?action=\\$les](http://alfclul.clul.ul.pt/teitok/learnercorpus/index.php?action=$les).

<sup>11</sup> Como se indica em Rodrigues (2016b, p. 186), o sufixo em causa tem a forma *-ni(a)* pois acopla-se ao tema do presente das bases verbais.

memorizadas, são capazes de gerar palavras com base nos esquemas de construção e nas unidades morfolexicais que eles supõem serem característicos do português, a língua-alvo. No geral, os resultados obtidos através deste estudo confirmam as conclusões avançadas por Leiria (2006) em relação às estratégias usadas pelos informantes de língua materna chinesa no âmbito da construção morfolexical e ao tipo de constructos por estes produzidos.

De todos os estudos analisados, este é o único que nos apresenta uma descrição detalhada de todas as palavras morfológicamente construídas, desviantes e não desviantes, efetivamente usadas pelos aprendentes nos seus textos escritos, permitindo assim ter uma ideia do *intake* da aprendizagem da língua-alvo, ou seja, da informação que os aprendentes retêm do *input* e usam nos seus textos (Corder, 1967).

#### 4. Considerações finais

A formação de palavras em PLNM é uma área de investigação em que escasseiam estudos de natureza descritiva assentes em metodologias de recolha e tratamento de dados seguros. À exceção da investigação realizada por Leiria (2006), os estudos realizados fornecem um conjunto de dados avulsos, com metodologias e critérios de análise diversos. Os *corpora* que servem de base à investigação têm sido constituídos maioritariamente por dados elicitados ou extraídos de textos escritos, faltando estudos que nos permitam aferir quais as estratégias usadas pelos falantes não nativos na oralidade quando estes necessitam de construir unidades lexicais e aprofundar o conhecimento sobre o processo de interpretação de palavras derivadas e compostas em português.

Muitos dos estudos já realizados baseiam-se na análise dos erros/desvios cometidos pelos aprendentes não nativos na construção de palavras em português. É preciso, no entanto, ir mais além. A análise dos erros apenas nos fornece uma visão parcial da competência derivacional dos aprendentes de PLNM. Por conseguinte, é necessário levar a cabo investigações que, incidindo sobre a totalidade das construções lexicais usadas pelos aprendentes (desviantes e não desviantes), forneçam dados quantitativos sobre as unidades morfológicas e lexicais efetivamente usadas, os esquemas construcionais instanciados, a sua frequência de uso e os semantismos que lhes são associados. Embora muitas das palavras derivadas possam ser processadas de forma holística e não de forma composicional, esse tipo de estudos permitirá ter uma ideia do *intake* da aprendizagem da língua-alvo no domínio derivacional, isto é, da informação relativa às bases lexicais, afixos e esquemas construcionais que os aprendentes retêm do *input* e instanciam nos seus textos.

Impõe-se também uma reflexão apurada sobre o que deve/pode ser considerado “erro” ou “desvio” quando se analisa a estrutura morfolexical das palavras produzidas pelos falantes não nativos. A par das divergências formais em relação aos itens da língua-alvo, importa considerar as divergências atestadas nos planos semântico e pragmático, pois, por vezes, os falantes não nativos produzem palavras existentes ou possíveis em co(n)textos inadequados ou simplesmente inesperados na ótica do falante nativo. Esse será certamente um passo importante no sentido de percebermos melhor o funcionamento e evolução da interlíngua do aprendente – até que ponto se aproxima ou distancia do sistema usado pelo falante nativo – e de se encontrarem soluções para estas dificuldades no plano pedagógico-didático.

#### Referências

- Akerberg, M. (2013). Formação de palavras em português. *Portuguese Language Journal*, 7, 1-30.  
Albuquerque, H. T., Bezerra, G. B. & Ferrari Neto, J. (2012). Percepção infantil da morfologia derivacional: Um estudo experimental sobre segmentação de morfemas em português

- brasileiro. *Signo y Señal*, 22, 119-138. <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/issue/view/268>.
- Alonso Rey, R. (2013). La transferencia léxica en la comprensión auditiva en los aprendices de portugués hablantes de español. *Revista Multidisciplinar Académica Vozes dos Vales*, 4. <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/La-transferencia-léxica-en-la-comprensión-auditiva-Rocio-Rey-Espanha1.pdf>
- Alonso Rey, R. (2015). Compreensão lexical no PLE: transferência vs. interferência no reconhecimento de palavras próximas no caso dos falantes de espanhol. In R. Samartim *et alii* (Eds.), *Estudos da AIL em Ciências da Linguagem: língua, linguística, didáctica* (pp. 185-197). Associação Internacional de Lusitanistas.
- Baralo, M. (1997). La organización del lexicón en lengua extranjera. *Revista de Filología Románica*, 14 (1), 59-73.
- Brown, H. D. (2000). *Principles of Language Learning and Teaching*, 4th ed. Longman.
- Corder, P. (1967). The Significance of Learners' Errors. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, 5, 161-170.
- Dias, S. O. (2014). Aprendizagem de léxico: estratégias usadas pelos alunos de PLE-FE. *Estudios Portugueses y Brasileños*, 12, 139-160.
- Dias, S. O. (2020). Estratégias de aprendizagem de léxico: como estas variam segundo o sexo e a idade? *Alfa*, 64. <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11749/9987>.
- Estrela, A. & Antunes, S. (2017). A sufixação num *corpus* de aquisição de PLE/L2. In A. M. Ferreira *et alii* (Eds.), *Pelos mares da língua portuguesa 3* (pp. 905-924). UA Editora.
- Freitas, M. J. & Santos, A. L. (Eds.) (2017). *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. Language Science Press.
- Gomes, C. A. & Barbosa, M. F. M. (2014). Aquisição de palavras complexas no português brasileiro: a emergência de morfologia derivacional na fala infantil. *Cadernos do CNLF*, XVIII, n.º 2 – *Lexicografia, lexicologia, semântica e terminologia*: 203-218.
- Granger, S. (1996). From CA to CIA and back: An integrated approach to computerized bilingual and learner corpora. In K. Aijmer, B. Altenberg & M. Johansson (Eds.), *Languages in Contrast. Text-based cross-linguistic studies. Lund Studies in English 88* (pp. 37 -51). Lund University Press.
- Grosjean, F. (2011). An attempt to isolate, and then differentiate, transfer and interference. *International Journal of Bilingualism*, 16 (1), 11–21
- Hancin-Bhatt, B. & Nagy, W. (1994). Lexical transfer and second language morphological development. *Applied Psycholinguistics*, 15(3), 289-310.
- Jarvis, O. (2000). Methodological rigor in the study of transfer: identifying L1 influence in the interlanguage lexicon. *Language Learning*, 50 (2), 245-309.
- Jarvis, O. (2009). Lexical transfer. In A. Pavlenko (Ed.), *The bilingual mental lexicon: interdisciplinary approaches* (pp. 99-124). Multilingual Matters.
- Jesus, D. M. A. (2010). *Produção e reconhecimento de substantivos abstractos deadjectivais em português L2*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- Jin, X. (2018). *Comparação da Morfologia das Línguas Portuguesa e Chinesa e Análise de Erros Comuns*. (Dissertação de mestrado em PLSE, FCSH – Universidade Nova de Lisboa).
- Leiria, I. (1998). Falemos antes de “verdadeiros amigos”. In P. Feytor Pinto & N. Júdice (Coords.), *Para acabar de vez com Tordesilhas* (pp. 11-29). Edições Colibri / APP/ Sociedade Internacional de Português – Língua Estrangeira.
- Leiria, I. (2006). *Léxico, aquisição e ensino*. Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Madeira, A. (2017). Aquisição de língua não materna. In M. J. Freitas & A. L. Santos (Eds.), *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português* (pp. 305–330). Language Science Press.

- Martins, C. et al. (2019). *Corpus de Produções Escritas de Aprendentes de PL2 (PEAPL2): Subcorpus Português Língua Estrangeira*. CELGA-ILTEC. <http://teitok2.iltec.pt/peapl2-ple/index.php?action=home>.
- Martins, M. M. S. (2008). *O português dos chineses em Portugal. O caso dos imigrantes da área do comércio e restauração em Águeda*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro).
- Mendes, A. et al. (2016). New words, old suffixes: Nominal derivation in the African varieties of Portuguese compared to European Portuguese. In R. Muhr (Ed.). *Pluricentric Languages and Non-Dominant Varieties Worldwide. Part II: The Pluricentricity of Portuguese and Spanish. New Concepts and Descriptions* (pp. 129-144). In collaboration with E. Duarte, A. Mendes, C. Amorós Negre & J. A. Thomas. Peter Lang Verlag
- Mendes, E. A. M. (1998). Ensino do léxico português para hispanofalantes. In P. Feytor Pinto & N. Júdice (Coords.), *Para acabar de vez com Tordesilhas* (pp. 91-99). Edições Colibri / APP/ Sociedade Internacional de Português – Língua Estrangeira.
- Nunes, S. M. (2012): Conhecimento lexical e consciência morfológica em alunos chineses de PLE: reconhecimento, interpretação e utilização de elementos prefixais do português. *Exedra, número temático “Português: investigação e ensino”, 243-257*.
- Odlin, T. (2003): Cross-linguistic influence. In C. J. Doughty & M. H. Long (Eds.), *The handbook of second language acquisition* (pp. 436-486). Blackwell.
- Oliveira, A. C. (2011) *Flexão Nominal e Nominalizações Agentivas e Instrumentais em Crianças com Perturbações Específicas do Desenvolvimento da Linguagem Estudo de Caso Comparativo*. (Dissertação de Mestrado, Inst. Politécnico de Setúbal / Universidade Nova de Lisboa).
- Oliveira, C. M. P. (2011). *Desenvolvimento da competência lexical nas aulas de PL2/PLE no nível A1.2*. (Relatório de estágio, Faculdade de Letras da Universidade do Porto).
- Olshtain, E. (1987). The acquisition of new word formation processes in second language acquisition. *Studies in Second Language Acquisition*, 9 (2), 221–231.
- Pereira Bendinha, U. (2001). Algumas reflexões sobre o ensino de PLE a sinófonos. In L. C. Moutinho (Coord.), *Cadernos de PLE 1* (pp. 193-209). Universidade de Aveiro.
- Pereira, R. (2019a). A Gramática das Palavras no Ensino de Português como Língua Estrangeira. In C. Pazos-Alonso et alii (Eds.), *De Oriente a Ocidente: estudos da Associação Internacional de Lusitanistas* (Vol. V, pp. 273-294). AIL / Angelus Novus.
- Pereira, R. (2019b). A Morfologia Derivacional na Aquisição do Português como Língua Estrangeira / Língua Segunda. *Diacrítica*, 33(2), 278-298.
- Pereira, R. (2021). *Vocabulário do Português para alunos chineses: materiais didáticos* (2.<sup>a</sup> ed.). Instituto Politécnico de Macau. <https://cpclp.ipm.edu.mo/vocabulario/>
- Pereira, R. (2022). Produções neológicas em Português Língua Não Materna. Comunicação apresentada no *V Congresso Internacional de Neologia em Línguas Românicas* (CINEO 2022). Universidade de Génova, 2 de setembro de 2022.
- Pereira, R. (no prelo). O uso de esquemas de construção de palavras por aprendentes chineses de PLNM. *Orientes do Português*.
- Pinto, J. (2012). Transferências lexicais na aquisição de português como língua terceira ou língua adicional. Um estudo com alunos universitários em Marrocos. *Diacrítica*, 26 (1), 171-187.
- Pinto, J. (2013). Cross-linguistic influence at lexical level. A study with Moroccan learners of Portuguese as an L3/LN. *Revista Nebrija de Linguística Aplicada*, 13 (número especial). [https://www.clul.ulisboa.pt/files/jorge\\_pinto/Jorge\\_Pinto\\_Artigo\\_revista\\_linguistica\\_nebrija.pdf](https://www.clul.ulisboa.pt/files/jorge_pinto/Jorge_Pinto_Artigo_revista_linguistica_nebrija.pdf).
- Plag, I. & Balling, L. W. (2020). Derivational morphology: An integrative perspective on some fundamental questions. In V. Pirrelli, I. Plag & W. U. Dressler (Eds.), *Word Knowledge and Word Usage* (pp. 295-335). De Gruyter Mouton.

- Qin, B. (2021). *Nomes deverbais de evento: desenvolvimento de materiais instrucionais para o seu uso e reconhecimento junto de aprendentes de PLNM*. (Tese de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra).
- Rio-Torto, G. (1998) *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto Editora.
- Rio-Torto, G. (2002). Flexão e derivação: simetrias e assimetrias. *Revista Portuguesa de Filologia*, XXIV, 253-289.
- Rio-Torto, G. (Org.) *et alii* (2016). *Gramática derivacional do português*, 2.<sup>a</sup> ed.. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. S. (2016a). Noções basilares sobre a morfologia e o léxico. In G. Rio-Torto (Org.) *et alii*, *Gramática derivacional do português*, 2.<sup>a</sup> ed. (pp. 35-133). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, A. S. (2016b). Nomes deverbais. G. Rio-Torto (Org.) *et alii*, *Gramática derivacional do português*, 2.<sup>a</sup> ed. (pp. 176-240). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Selinker, L. (1972). Interlanguage. *International Review of Applied Linguistics*, 10, 209-231.
- Taveira, C. A. (2014). *Aquisição do Português Língua Não Materna: Transferências Lexicais, Sintáticas e Morfosintáticas*. (Dissertação de mestrado, Universidade Aberta).
- Van Coetsem, F. (1988). *Loan phonology and the two transfer types in language contact*. Foris.
- Van Coetsem, F. (2000). *A general and unified theory of the transmission process in language contact*. Winter
- Vigário, M. & Garcia, P. (2012). Palavras complexas na aquisição da morfologia do português: estudo de caso. In *Textos Selecionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística* (pp. 604-624). APL.
- Wenwen, Ch. (2011). *The Contrastive Study on Chinese and Portuguese Word-Formation*. Minzu University of China. [redigido em mandarim]
- Winford, D. (2005). Contact-induced changes – classification and processes. *Diachronica*, 22, 373-427.
- Xinjuan, W. (2007). Formação de palavras nas duas línguas e ensino do vocabulário a falantes nativos chineses. In L. Changsen & M. F. R. S. Pedro (Coords.), *Actas do I Encontro académico e ensino curricular de português e de tradução chinês/português* (pp. 100-109). Instituto Politécnico de Macau.
- Yang, W. (2014). *A aquisição e o desenvolvimento da competência lexical em PLE por estudantes de língua materna chinesa*. (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho).
- Żaczek, M. (2012). *A língua portuguesa para falantes de polaco. Transferência da língua nativa para a língua estrangeira em processo de aprendizagem: o erro lexical e o erro gramatical*. (Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).